

# LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA: REFLEXÕES DE EXPERIÊNCIAS NO PROJETO INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Jennifer Luise Rodeghiero <sup>1</sup>  
Carolina Barcelos Duarte <sup>2</sup>  
Helôisa Helena Duval de Azevedo <sup>3</sup>

## RESUMO

Este estudo reflete sobre a experiência de uma bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Subprojeto de Alfabetização, núcleo Letramento Literário na EJA e Anos Iniciais, do curso de Pedagogia/UFPel em uma turma de 5º ano, com foco no letramento literário. O objetivo foi entender por que os alunos não se interessavam pelas aulas e se a biblioteca escolar poderia auxiliar para reverter o processo de desinteresse. Consegui perceber algumas questões que reverberam a falta de interesse como, a pouca imersão na literatura, o grande consumo de vídeos curtos e de internet, o que desencadeou a pouca concentração nas aulas mais calmas. A partir disso, comecei a implementar as atividades mais dinâmicas, fora da sala de aula, utilizando a biblioteca repaginada pelo grupo, buscando a atenção. Para realizar este trabalho, utilizei uma abordagem qualitativa na escolha dos textos para o embasamento teórico, além da observação participante durante quatro meses com a turma. Analisei de forma descritiva e interpretativa baseada nos estudos de Rildo Cosson e Cristina Maria Rosa, para entender os desafios e conseguir praticar ações de letramento como possibilidade de melhora, além disso, pesquisei sobre as contribuições da neurociência sobre cognição e educação. Apesar dos grandes desafios, pude perceber muita melhora por parte dos alunos, principalmente em relação à vontade de relatarem o que vinham fazendo, especialmente os textos advindos das oficinas de letramento literário, inclusive, foi notado um avanço na compreensão de textos e o aumento da criticidade. Ademais, reforço a necessidade e utilidade da inclusão do letramento literário nas escolas pois a partir de estudos das mais diversas áreas, podemos refletir sobre a importância de livros para o desenvolvimento da cognição para articularmos questões culturais e biológicas, fazendo com que esses alunos se desenvolvam pessoas críticas e não adeptas a alienação.

**Palavras-chave:** Letramento literário, biblioteca escolar, literatura infantil, mediação, formação crítica.

## INTRODUÇÃO

A realidade contemporânea já mostrou e demonstrou muitas vezes por diversos olhares que estar em uma sala de aula é difícil, ainda mais quando se é professor. Neste texto tento descobrir o porque dos alunos não se interessarem nas aulas, com foco no letramento

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, [jenniferlodeghiero@gmail.com](mailto:jenniferlodeghiero@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestre pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, [duarte.carolinapelrs@gmail.com](mailto:duarte.carolinapelrs@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora do Curso de Filosofia da PUCRS, [profa.heloisa.duval@gmail.com](mailto:profa.heloisa.duval@gmail.com).



literário e desdobra aspectos do uso da biblioteca escolar e como esse ambiente pode auxiliar na promoção do gosto pela leitura literária. Este trabalho relata as experiências de uma bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do eixo Letramento Literário, núcleo Pedagogia/UFPEL.

Como futura professora e bolsista de iniciação à docência, estou constantemente lidando com dúvidas, medos e desafios, mas a vontade de ensinar de verdade é o que me motiva. No entanto, na escola onde atuo, percebo que nem todos os alunos compartilham da mesma motivação, o que me faz questionar se estou fazendo o suficiente. Será que é normal sentir-se assim? Há algo que está fora do meu alcance ou é algo que posso trabalhar? A biblioteca escolar pode ser um aliado importante no letramento literário? E quando é o momento certo para introduzir as crianças ao mundo da literatura?

Neste contexto, busco refletir sobre minhas experiências e desafios como professora em formação, visando entender melhor como posso contribuir para o letramento literário dos meus alunos e superar os obstáculos que surgem no caminho e para isso tento desdobrar as respostas e estratégias ao longo do texto para inspirar meus alunos a se apaixonarem pela leitura e pela literatura.

## **METODOLOGIA**

A trajetória que percorri dentro desta escola, que fica localizada no município do Capão do Leão/ RS, começa a acontecer no início do mês de março do ano de 2025. Inicialmente por conta do projeto fui à escola para conhecê-la, conversar com os funcionários e realizar a pesquisa de entorno. Nesse encontro fiquei ciente de que a primeira tarefa seria organizar e repaginar a sala de leitura da escola que estava sendo utilizada como depósito. Não é chamada de biblioteca pois a escola não possui bibliotecária e não é uma função remunerada no município, com isso, o que temos é uma sala de leitura que é utilizada também como espaço para aulas e pesquisas.

Durante os quatro meses seguintes fiquei na sala de leitura, limpando, reciclando, arrumando, organizando e tentando transforma-lá em um ambiente que poderia trazer algum apelo para que as crianças quisessem ir aquele lugar, que se transformasse em uma sala formadora, fosse bem quista e principalmente utilizada como espaço de letramento literário. No primeiro dia de julho do ano de 2025 tive a primeira aula com a turma que estava no 5º ano do ensino fundamental, e a partir deste dia, todas as terças-feiras pela manhã eram



reservadas a turma e com isso surgiram muitas atividades de letramento literário e também de aproximação, pois eu compreendia que isso era importante.

Durante os cinco meses de trabalho, desenvolvi diversas atividades para promover o letramento literário e a aproximação com a leitura. Eu e a turma realizamos a oficina de folclore, onde os alunos exploraram lendas conhecidas e criaram um jogo de trilha que durou três semanas; fizemos uma atividade sobre monstros, que envolveu a leitura e produção de textos sobre criaturas fantásticas, além de ilustrações incríveis; e oficinas baseadas nas propostas de Rildo Cosson, uma delas foi o “relógio” que incentivaram a leitura e a escrita criativa, onde os alunos deveriam se separar em dois grupos e um grupo escrever sobre a história que tinham escutado no passado e o outro grupo, no futuro.

Além disso, fizemos passeios à Biblioteca Pública do Capão do Leão, onde os alunos puderam conhecer o acervo e se inspirar em novas leituras. Também realizamos produções textuais conjuntas, onde os alunos trabalharam em grupo para criar histórias e parlendas, compartilhando suas ideias e aprendizados; e não menos importante, brincamos juntos no pátio, e tenho certeza que foi uma das coisas que mais nos aproximaram. É de extrema importância destacar que as aulas feitas foram baseadas nos objetivos e habilidades previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa participante, que envolve a participação ativa da pesquisadora na sala de aula e a colaboração com os professores e alunos, para isso, esse texto foi baseada na minha vivência em uma turma de 17 alunos do 5º ano durante cinco meses (07/2025-12/2025). Os instrumentos de coleta de dados incluíram observações e análise de documentos com os temas relacionados a letramento literário, biblioteca escolar, falta de interesse e inserção da literatura na vida das crianças e adolescentes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando o pouco tempo que fiquei com essa turma, acredito que fui contribuindo para a formação leitora dos meus alunos, mas como estudante de pedagogia e uma leitora assídua, me perguntava se estava sendo o suficiente, tanto para os alunos e principalmente para a minha formação. E, comecei a estudar sobre letramento literário e fui percebendo que é uma forma importante de letramento e que “compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio.” (Cosson, 2006, p.12), além disso, que deveria ser



concomitante a fase de alfabetização e mais importante ainda é saber que não são sinônimos, bem como diz Leda Tfouni (1992) quando explicita que muitas das vezes as pessoas erroneamente as juntam, tornando essa ideia de ser letrado dependente da alfabetização, ou seja, o sujeito será letrado somente quando for alfabetizado e dessa forma, não preciso letrá-lo pois na alfabetização isso já acontecerá. Determinar isso torna a concepção de letramento falha.

Para tanto, retomo que desde o início, mesmo tendo consciência de estar neste ambiente para aprender, ter domínio, vencer a timidez, confesso que me sentia menos professora pelas vezes que não tinha o “controle” e nem a atenção da sala. Infelizmente muitas vezes isso acaba sendo um fardo real para o professor que começa, dia após dia se culpar. Como bem sabemos, estamos em uma sociedade que trata o professor como um nada, um reproduzidor de conhecimentos que não tem valor, nem simbólico e nem econômico. E explica Cavalcanti sobre a concepção da racionalidade técnica

[...] nessa perspectiva, o professor é visto em analogia com o operário de uma fábrica, um mero executor de tarefas que, se bem executadas, deve culminar em um produto (ensino) bem-acabado. Essa visão se ajusta a uma imagem precarizada e desprestigiada do professor da educação básica, criando uma cultura nefasta que basicamente o torna vulnerável a críticas das mais variadas [...] (Cavalcanti, 2018, p. 1066-1067).

Nesse sentido, trago a importância deste projeto que pensa na relevância do letramento literário, com isso, nos faz pensar e analisar questões sobre a dificuldade de conexão com a turma, principalmente quando as crianças já estão na adolescência ou na pré-adolescência. Quando falamos na resistência que uma turma de 5º ano tem de ler um livro, consideramos que temos um problema, pois fica evidente que estas crianças não tiveram contato com esse material antes e antes significa, não tinham em casa e nem na escola e não ter contato com livros na escola é o maior erro. Mas é em casa que muitas das vezes e na maior parte delas, o contato que se torna vitalício vem de berço, e digo isso no sentido literal a partir da minha experiência que corrobora com muitos autores, inclusive Cristina Maria Rosa e Rildo Cosson.

A autora do livro “Alfabetização Literária” Cristina Maria Rosa, afirma que o gostar de ler pode ser apreendido, mas antes da criança gostar de ler, a criança precisa gostar de ouvir, desse modo, é imprescindível que os pais leiam para seus filhos. Essa afirmação valida a contribuição da neurociência nesse processo da inserção da leitura, pois “A leitura e a escrita não são atividades inatas, elas precisam ser aprendidas e estimuladas” (Dantas, Belini, 2021, p. 4) e quanto mais cedo melhor e por isso, gostar de ler vem de berço. Em contrapartida a essa afirmação, trago que, o que neste século vem de berço é a inserção de telas.



Conforme o autora Tawanna Passos (2021, p. 8) embasada nas autoras Rosa e Souza (2021) afirma que as telas afetam inicialmente a capacidade de concentração fazendo com que as crianças/os alunos fiquem desatentos e com imunidade a aulas mais calmas, sem explosão de emoção. Outro ponto importante destacado pelo autor Rildo Cosson (2006) é que as aulas estão mais relacionadas a aparelhos tecnológicos do que a livros. Trago aqui que esse tipo de conexão é importante, principalmente pela imersão desses alunos na internet, mas que devem ser usados concomitantes aos livros, mostrar que os filmes/séries foram feitas muitas vezes embasados nos livros e trabalhar a importância desta ferramenta tão importante para a sociedade.

Muito embora, ler livros literários causa ou pode causar uma explosão de emoções, mas para isso acontecer o leitor precisa encontrar o tipo de literatura que o agrada, que o apaixone e para isso, é necessária a exposição em grande magnitude de livros desde cedo. Mas,

O que se tem visto, na maioria das salas de aula, é a leitura sendo relegada a segundo plano, em detrimento da valorização de aspectos linguísticos e gramaticais, mesmo frente a várias campanhas e investimentos de iniciativas público privadas em projetos educacionais voltados para o incentivo à leitura. (Dantas, Belini, 2021, p. 4).

Retomo com mais um porém, acreditar que mostrar literatura desde cedo é essencial, mas mais ainda é entender que a grande maioria dos pais não tiveram acesso a um acervo, ainda mais um acervo de qualidade, é extremamente necessário. Desse modo, compreender que livros de literatura são mais que mera fruição e que a qualidade dos livros podem influenciar no gosto, na opinião e na formação do senso crítico do aluno é crucial. E como bem afirma Rosa (2025, p.59) “Literatura é uma arte. O ingresso e permanência no usufruto desta arte é um direito!”.

Então, compreendendo que meus alunos não tiveram esse contato inicial na infância, sou eu, a mediadora que vou inseri-los na paixão pela leitura, mas isso não é algo fácil, principalmente sabendo que eles são e estão imersos no meio digital e foi uma constatação que levou tempo para mim compreender. Nesse sentido, é importante saber reconhecer que, para acontecer esse encontro na literatura com destino a uma paixão pelos livros é necessário começar e esse início não pode ser de culpa, nem de vergonha, mas sim de estudo, de leveza e amor pelo que se faz dentro de uma sala de aula.

A partir do momento em que pensei que talvez as aulas não fossem tão interessantes, comecei a fazer atividades mais dinâmicas, mais criativas e mais focadas nos textos, como por exemplo: uma atividade que aconteceu no nosso último encontro, que utilizei de uma oficina a



partir da literatura de Rildo Cosson, onde após uma leitura pela metade, dividíamos os alunos em dois grupos e pedíamos para que um grupo fizesse uma história relacionada com a que ouviram, no passado e o outro grupo, no futuro. Posso afirmar que esse tipo de atividade leva os alunos a ficarem muito mais entretidos e focados na história literária que eles ouviram, até porque a literatura dá espaço para a criatividade e isso faz com que os alunos se sintam relevantes.

Outro aspecto importante para retomar, são as atividades com livros que fizemos na rua, utilizando brincadeiras e jogos para nos aproximarmos dos alunos, além de sairmos do ambiente de sala de aula, onde ficava evidente a maior falta de atenção por parte dos alunos. E, com isso passei a evidenciar que a aprendizagem acontece e pode acontecer em outros ambientes. A sala de leitura depois de repaginada pelo grupo de bolsistas foi um ambiente muito usado para nossas práticas de letramento literário. E posso afirmar que foi uma mudança de comportamento muito significativa quando usávamos esse local como espaço formador, de novos conhecimentos, outras perspectivas e de novas aprendizagens. Como Campos, Silva e Souza afirmam (2025) é neste espaço que os alunos vão apreendendo como manusear os livros, formas de leitura, tipos de leitura, como usar o espaço, pois é necessário silêncio e respeito.

Ademais, é interessante ressaltar que a biblioteca é um grande recurso e facilitador do processo de ensino (Paiva apud Durban Roca, 2020), mas que praticamente nunca é protagonista em uma escola, pois muitas das vezes nem está presente nas instituições de ensino básico, e quando está por muitas vezes é marginalizada. Desse modo, um ponto de extrema importância no trabalho que faço para efetivar o letramento literário nessa escola é utilizar a sala de leitura, como é reconhecida no município, pois não é um espaço somente para a leitura e pesquisa, e esse espaço também não possui bibliotecária.

Retomo novamente a necessidade deste projeto que pensa na leitura como algo fundamental para o desenvolvimento das crianças, além de incentivá-las a saírem da alienação para que produzam conhecimentos importantes e se tornem adultos responsáveis por mudanças efetivas, capazes de pensarem em si, no próximo e contribuírem para uma sociedade mais justa e sustentável.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Observando o cenário, fui percebendo muitos desafios durante o período em que eu estava com esta turma. Mas ao final, com diálogos, atividades melhoradas e muito estudo foi



possível compreender como nós (me incluindo) crescemos juntos, e aprendemos demais. Mas, vamos retomar algumas questões, bem no início quando começamos a pedir para que eles levassem para casa livros escolhidos por eles na biblioteca, com o intuito de que trouxessem algo que chamou a atenção, algo interessante para compartilhar com a turma do livro, fomos percebendo que eles não estavam lendo, muito menos trazendo algo para debatermos com a turma. E claro, nunca foi algo obrigatório, e nem constrangimos os alunos que não faziam, mas eu acabava ficando chateada e com um tempo de “sobra”, pois os alunos ficavam dispersos.

É notável que isso desestabilizava o planejamento, principalmente por ser no início, não sabia direito como guiar a aula e eram alunos de quinto ano, o ano conhecido por suas peripécias, brincadeiras e deboche. Mas como comentado, a partir de muito estudo, mais práticas, e algo indispensável que foi a ligação/relacionamento com as crianças pois quanto mais eu conhecia eles, a personalidade deles e como era o ideal de aula para eles, fui melhorando em minhas práticas, sendo mais firme e até conversando mais sobre a vida e gostos pessoais o que foi me proporcionando uma proximidade grande.

A primeira afirmação que fiz foi que estar em uma sala de aula é difícil, ainda mais sendo a professora, o que realmente é verdade, mas estar em uma sala de aula também é alegria e emoção principalmente nos momentos que percebemos a “melhora”, a evolução da turma. No entanto, para que isso aconteça, o professor precisa ser um bom mediador ou como eu, uma pessoa que se esforça pois entendo que, com a constância na sala de aula posso ainda melhorar. Por que como diz Rosa (2025, p.30) “[...] mediador é uma pessoa que ‘estende pontes entre os livros e os leitores’”.

E foi ao final da minha jornada na turma, que comecei a reparar em como meus alunos começaram a sentar e escutar a história, em como eles questionavam as histórias, e trago aqui como exemplo o dia em que contei “A verdadeira história dos três porquinhos” do autor Jon Scieszka, que ao eu terminar de contar um dos alunos automaticamente falou: “ele continua mau, mesmo que não tenha matado os porcos” e isso me deixou extremamente feliz pois demonstra que estes alunos que hoje vão para o sexto ano pensam ou estão começando a pensar criticamente e não se deixam levar por algo que alguém falou.

A criação do senso crítico nas crianças desde bem pequenas é algo fundamental para quem acredita que viver em uma sociedade alienada como a nossa é ruim. Desse modo, afirmo que a literatura é de grande ajuda para que isso seja contemplado e falo que foi essencial para que meus alunos chegassem onde quer que estejam em relação ao nível de desenvolvimento.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O seguinte texto tinha como ideal mostrar por trás das atitudes de desinteresse no letramento literário de alunos do quinto ano, identificando possíveis causas e construindo possibilidades para superá-las. A experiência na sala demonstrou alguns pontos, como por exemplo a grande quantidade de uso de telas e a grande exposição a vídeos curtos e de muita informação; também a falta de inserção prévia a este material, tanto na escola como em casa; e também o mais provável que eram as aulas que não interessavam pré adolescentes.

Mas como foi sendo desenvolvido durante este escrito, ao aplicar práticas de letramento literário mesmo com desafios, é possível despertar o interesse pela leitura e contribuir para a formação crítica dos alunos. Acredito que este estudo reforça a importância de estratégias criativas e do papel do professor como mediador nesse processo tão importante e deixa o apelo para a necessidade da utilização de livros de literatura desde a primeira infância para que essas crianças cresçam leitoras, pessoas criativas, vivas e que fogem da alienação. Além disso, reconhecer o valor das pesquisas pois “não há dúvidas de que em se tratando da leitura e compreensão leitora, os estudos neurocientíficos têm muito a nos revelar.” (Dantas, Belini, 2021, p. 2).

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC. 2018.
- CAMPOS, C. SILVA, L. SOUZA, R. Biblioteca escolar e formação do leitor literário: Desafios, tensões e possibilidades no ensino fundamental. **Revista Brasileira de Alfabetização**. Número 23. p. 1-15 - 2025.
- CAVALCANTI, C. NASCIMENTO, M. OSTERMANN, F. A falácia da culpabilização do professor pelo fracasso escolar. **Revista Thema**. Volume 15. Numero. P. 1-25. 2018.
- COSSON, R. Letramento Literário: Teoria e Prática. São Paulo: **Contexto**, 2006.
- DANTAS, L. BELINI, R. Neurociência e linguagem: Contribuições para o ensino de leitura. **Revista Leia Escola**. Volume 21, Número 5. P. 1-15. 2021.
- ROSA, C. M. **Alfabetização Literária: Conceito e Aplicabilidade**. Bento Gonçalves, RS: Piccola Casa Editorice, 2025.
- PAIVA, T. O papel da biblioteca escolar na alfabetização e no letramento infantil. **R. Bibliomar**. Volume 19. Número 1. São Luís. P. 27-27. 2020.



PASSOS, T. P. Uso de telas na infância: Revisão bibliográfica sobre riscos e prejuízos para o desenvolvimento cognitivo e linguístico. 2021. **Tese de conclusão de graduação no bacharelado em fonoaudiologia** - PUC GOIÁS.

TFOUNI, L.V. Letramento e analfabetismo. 1992. **Tese (Livre Docência)** – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1992. .

